



**Allemanha -- Almirante von Tirpitz**  
 (Secretario d'Estado do ministerio da marinha)

PROPRIETARIO  
*Joaquim Antonio Pereira Villela.*  
 DIRECTOR  
*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*  
 EDITOR  
*Antonio José de Carvalho.*  
 ADMINISTRADOR  
*Clemente de Campos A. Peixoto.*

**Ilustração Catholica**  
 Revista litteraria semanal de  
 informação graphica  
 Redacção, administração e typographia  
 83, R. dos Martyres da Republica, 91  
 BRAGA

**CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA**  
 (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) . . . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . . . .	600

À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
» (6 mezes) . . . . .	1\$500
Numero avulso . . . . .	60

# Frigideiras e Restaurante

---

## Casa do Cantinho

---



Largo de S. João do Souto

---

---

**BRAGA**

---

---

Estabelecimento mais antigo

e acreditado n'este genero



BIBLIOTECA  
SEMINÁRIO de  
CONVÍLIAR

# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

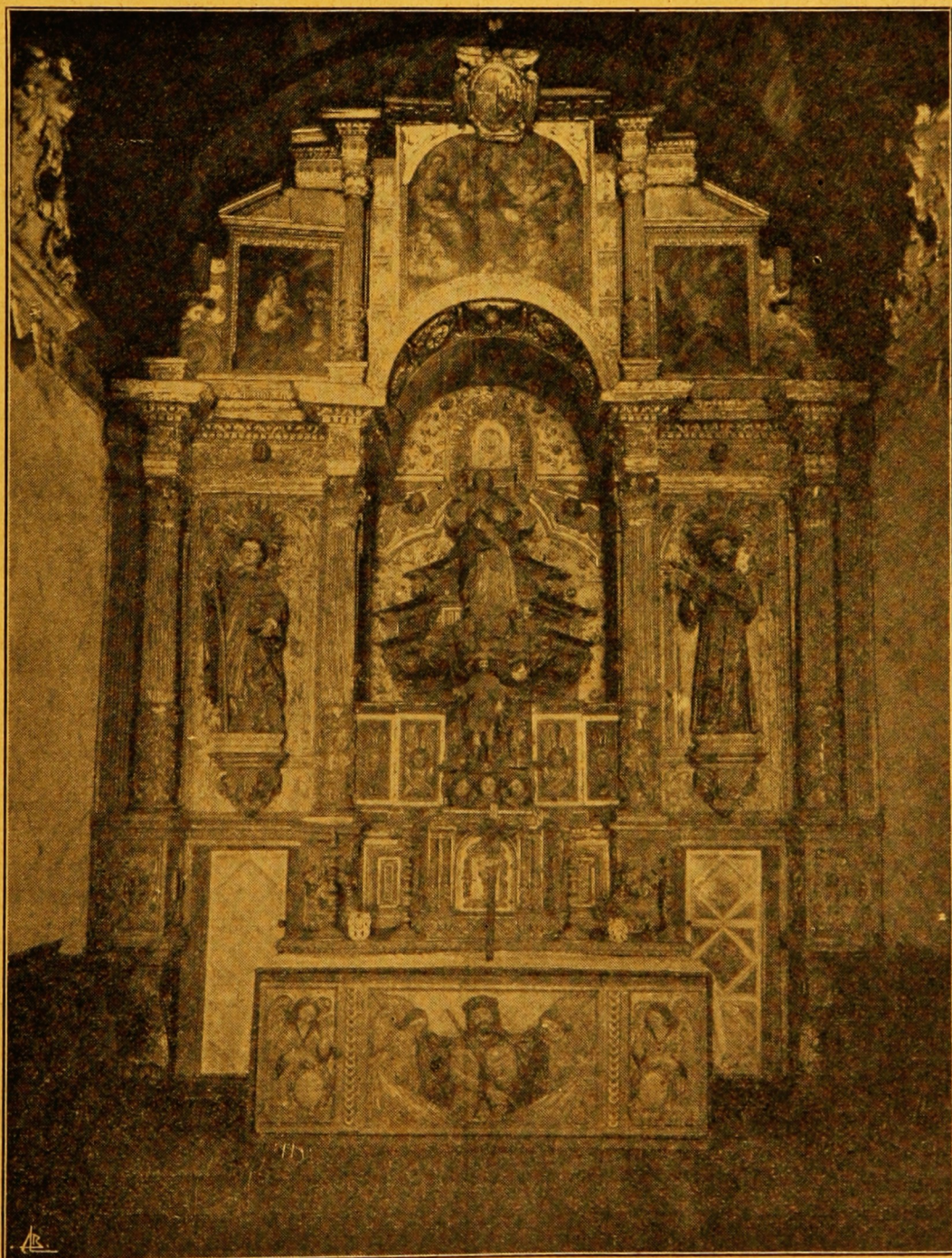
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 7 de agosto de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 110—Anno III



Melgaço--Altar-mór do Convento de Santo Antonio

(Clichè A. Soucassaux)

# Chronica da Semana



## NO «CINE'MA»

O *cinéma* é agora nas frescas tardes d'estes dias de calor, a unica distração da cidade sem jardins publicos onde se passeie á vontade, se descance e se respire. É á noite uma corda de gente amolentada pelo tédio para os *cinémas* se vae enrolando lentamente, até que lá pelas 10 horas os salões regorgitam de povo, se enchem de fumo e de vozearia.

Ha dias este espectáculo sugeriu-me um problema:—o *cinéma* é na verdade benemerito? E recordei um conselho de Mgr. Gibier ao *comité* d'um patronato: "Lamenta-se que a multidão vá ao *cinéma*. De que vale gemer? Ao theatro pernicioso oppuzémos o theatro christão. O *cinéma* está em moda, tenhamos o nosso *cinéma*. Ao mau *film* oppunhâmos o bom *film*."

Novidade que se recobriu de gastos europeis, album de panoramas dedicado ao pesado burguez que desejaria fazer viagens de *fauteuil*, theatro mais rapido, mais brutal, sem a massa dos dialogos superfluos, o *cinéma* tem hoje o que se chama um successo colossal. E' uma mina que ainda agora começou de ser explorada...

A modicidade dos preços, a brevidade no desenvolver do entreocho (sem duvida maior que a dos illustres paes da patria na actual discussão do orçamento) levaram o *cinéma* a todos os cantos do mundo, e até não é difficil ouvir entre o alegre besoar das nossas romarias o tinido electrico da sua campainha impertinente. Um successo imprevisto e triumphal...

Mas por isto mesmo, o mal que o *cinéma* tem causado!

O *cinéma* é para mim um fóco de pessimistas, de torturados pelo horror. O *cinéma* é hoje o grande sugestionador dos pesadellos e das calamidades. O leitor leu ha dias nas gazéttas que um cabo matou a tiro tres sargentos em Lisboa? Pois veja como este crime é bem menor ao lado dos mysteriosos crimes do *cinéma*, e veja tambem como já aquell'outra degolação d'um gatuno d'Alfama pelos collegas da quadrilha, que deixou a policia lisboeta despistada, dava com certeza, bem tecido, um *film à sensation* em trinta séries?...

O grande artista do *cinéma* é Fantomas. O odio e a ferocidade tem já o seu publico. E' porventura de admirar que tenha crescido tambem a sua clientella?

Parece-me que não. No theatro, no drama mais reverso, o *heroe*, por mais heroico que elle seja (Cartouche não o foi?) provoca sempre um debate de intelligencias, e se algumas sympathias recolhe, ella não ousa manifestar-se sem as reservas que o respeito pela moral e pela ordem impõe a todos. Mas no *cinéma* nada d'isto acontece. Não sei onde li que em Hespanha nas tardes de touradas, as facadas contam-se aos milhares pelas tabernas.

No *cinéma*, a torpe visão do sangue desperta as adormecidas paixões da besta fêra humana e afira aos paroxismos loucos do delirio os seres fracos e as imaginações doentes, porque as scenas em que o crime é pintado por dentro e por fóra de bastidores, os ardis meticulosamente explicados, ficam por muito tempo gravados na memoria, mórmente na d'essa gente pobre de bairros sujos que por ellas aprende como se comettem os crimes horrendos que atravessam tantas vezes a sua vida.

A sentimentalidade rúde e boçal dos dramalhões do *cinéma* origina d'este modo sobre o publico uma especie de depressão espirital que lhe rouba pouco a pouco todo o seu optimismo salutar. O povo é como as creanças; os politicos sem escrupulos ensinam-o a desrespeitar a auctoridade; o *cinéma* tira-lhe o bom humor. Este o mau lado moral do *cinéma*, que tambem produz males physicos.

Eu bem sei que não é razoavel pedir ao *cinéma* lições de moral. Mas sendo elle um meio excellent de apresentar ao povo modêlos de virtude, porque não abandonar de vez esses *films* de crimes estupendos? Porque o *cinéma*, como ao leitor acabo de mostrar, é um meio de acção de grande alcance. N'uma d'estas noites, no Passos Manoel, vi eu desenrolar entre um exercicio de acrobatas e um saracoteio de bailarina, um *film* de propaganda a favor da França. Intitulava-se: *A guerra*. Episodio central:—um *adulterio*. Em volta d'elle, agitava-se, comovia-se, desesperava-se e aneava toda a bella heroicidade franceza, não esquecendo ao auctor do *film* a pessoa de Joffre, um verdadeiro Joffre de *cinéma*, baixo e atarracado que pousando a mão no hombro da adultera que atravessára as linhas inimigas para lhe entregar uma ordem, lhe dizia:— "De mulheres como v. precisa a França!," Como se vê, este episodio é tudo quanto ha de mais *Estudante Alsaciano*, a velha poesia que eu sei de cór desde os bancos do lyceu!...

No *film*, porém, apparecia um padre, bella figura de pedre, por signal. O *adulterio* déra-se pouco antes da guerra estalar. O marido recebe a guia de marcha e põe-se a caminho sem se despedir da esposa. Esta, desolada e cheia de remorsos, conta ao padre Vicente a sua dôr, e quando este vae ao encontro do novo soldado e lhe roga em nome da França por cuja salvação vae sacrificar a vida, que não parta sem haver perdoado á esposa,—sabe o leitor o que o alistado responde? Repare bem na phrase:

—E que sacrificam vocês, os padres?!

O marido não perdôa... Compreendeu o leitor? A phrase terrivel e insinuadora fica por todo o *film* sem resposta. E o publico que desconhece todo o quadro sublime do clero francez em armas, a sua heroicidade nos hospitaes de sangue, o ardor com que o padre inflamma as populações e tantas vezes as poupa aos rigores da conquista, o publico que ignora *Soeur Julie* e o Padre Laurent, capellão dos bretões d'Angers; o publico sae do *cinéma* e repete a pergunta do marido atraídoado convencido de que o padre nada sacrifica pela França.

O *cinéma* está em moda, tenhamos o nosso *cinéma* disse Mgr. Gibier.

A' minha frente estavam sentados dois allemães. Atraz um homem com apparencia de operario. Este, mal leu a phrase, regougou:—Ora o *padreca*!

E os allemães ao ouvil'o, trocaram-se um sorriso mysterioso...

F. V.

# VIDA INTENSA

## A uma estrangeira

**B**OA, adorável amiga: Pedes-me novas de Portugal que mal conheces pelos rapazes que enxa-meiam no verão á porta do imbecil café *de la Paix* ou pelos burquezões desalentados, que passeiam o seu oiro e a sua doença nos jardins d'inverno d'Aix ou nas aleas recatadas de Vichy, onde passas um aborrecido mez curando dos achaques da bondosa e caturra tia Mary.

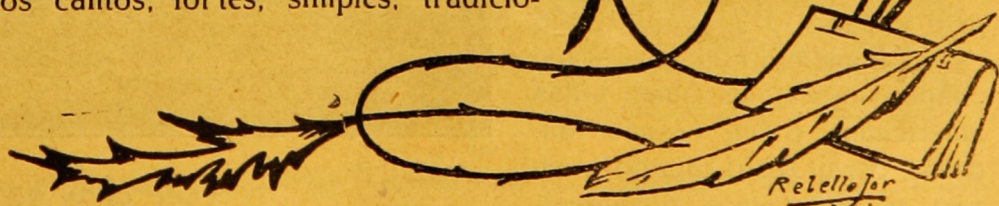
Não, minha agradável e curiosa Ketty!

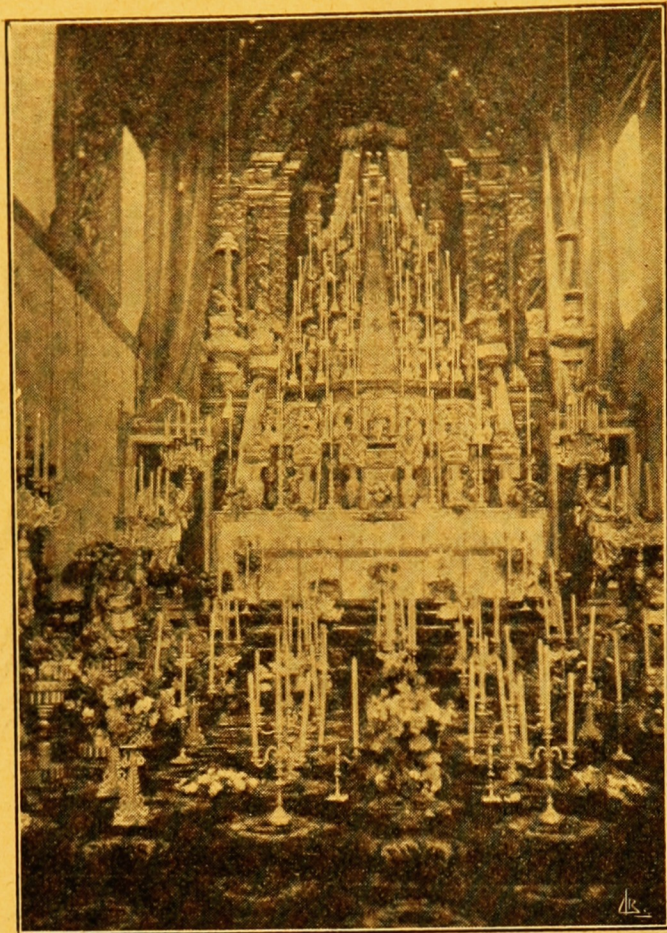
Portugal é quasi assim, mas os portuguezes — Deus louvado — são um pouco peores, na sua irritante postura de desnacionalizados, no seu indifferentismo irritante, no seu desapego voraz pelos principios velhos. Tu julgarás da grandeza d'estas almas pela grandeza do seu céu azul — o eterno e surpreendente... *le beau ciel de Portugal*, como dizia o nosso bom e incorrigivel *Ratingnac* sabo-



A comissão duriense que foi a Lisboa tratar dos interesses do Douro

reando o seu cachimbo, na terrasse amiga d'aquelle lindo hotel de Boulogne onde hospedamos o nosso amor n'uns curtos e fugidios dias de verão. Mas até o céu se desnacionalizou e a decantada côr d'este clima dôce, está mais negra e carrancuda que o teu brumoso e *spleenatico* céu de Londres. Escrevo-te debaixo d'um céu plumbeo, oppressor, em pleno julho, ouvindo a chuva cantar nas vidraças e o vento gemer longinquo, ameaçador. *Le beau ciel?*... Que monstruosa *blague*!! Tudo isso, amor, é já uma phantasia do snr. de *Ratingnac* como Portugal é no mappa um devaneio dos geographos; os homens estragaram tudo, a lingua, a politica, os costumes e o amor! Vieram de todos os cantos, fortes, simples, tradicio-





ILHA DE S. MIGUEL (Açores)

Altar do SS. na parochial igreja de S. José

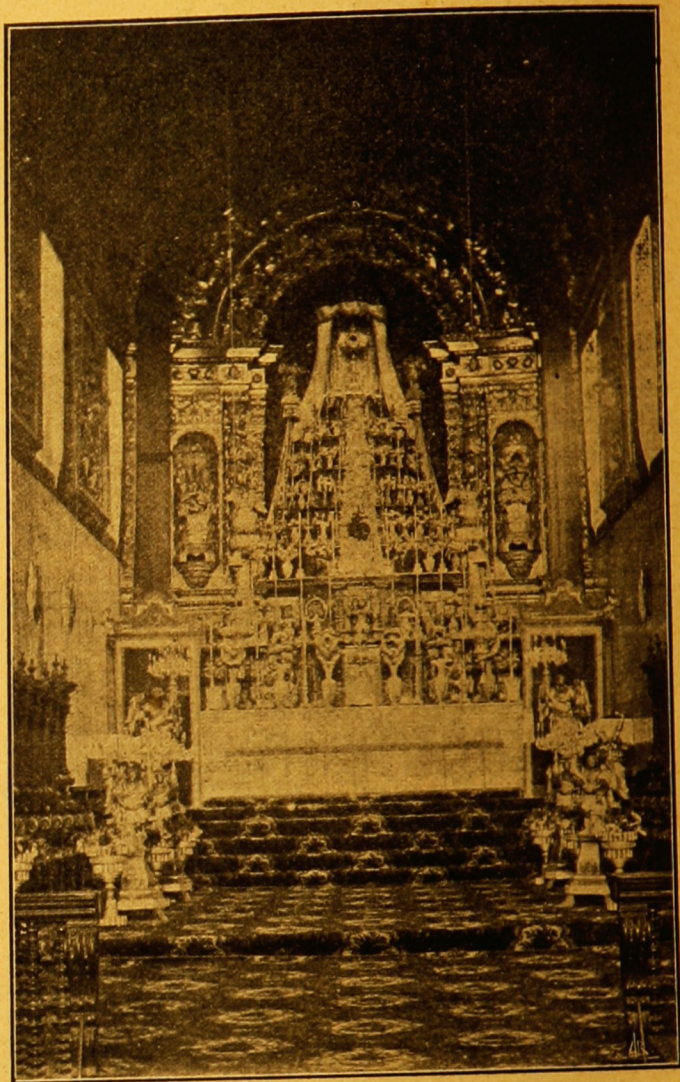
naes e abalaram para a Europa. Regressados, trouxeram muitas gravatas exóticas, muitas ideias abomináveis e deram-se ao luxo de dizer mal. —o suspiro sempre prompto por esse Paris, que mal viram, e que para o seu banalismo tacanho, se circumscreve ao café *de la Paix*. Os homens desnacionalisaram-se; o céu naturalisou-se inglez. É uma nacionalidade a decompôr-se, uma raça a consumir-se lenta, de desvario em desvario, a cahir inevitavelmente na balburdia do fim. Lentamente, cobardementetudo se vae desnacionalisando, subvertendo...

Crê! está na logica dos tempos. Se hoje já se não falla portuguez! Desde o nome estrangeirado das *Brasseries* às taboletas dos *Coiffeurs* de Lisboa é tudo menos portuguez. Come-se, vive-se á franceza... Frequentam-se *pâtisseries*, passeia-se de *coupé*, de *mylord*, fazem-se *teas*, veste-se nos *tailleurs*, concorre-se aos *clubs*, fazem-se *partys*, fumam-se cigarros russos, praticam-se *flirts*, offerecem-se *sauteries* e acha-se até immenso *chieu* às mulheres que passam pelo Chiado.

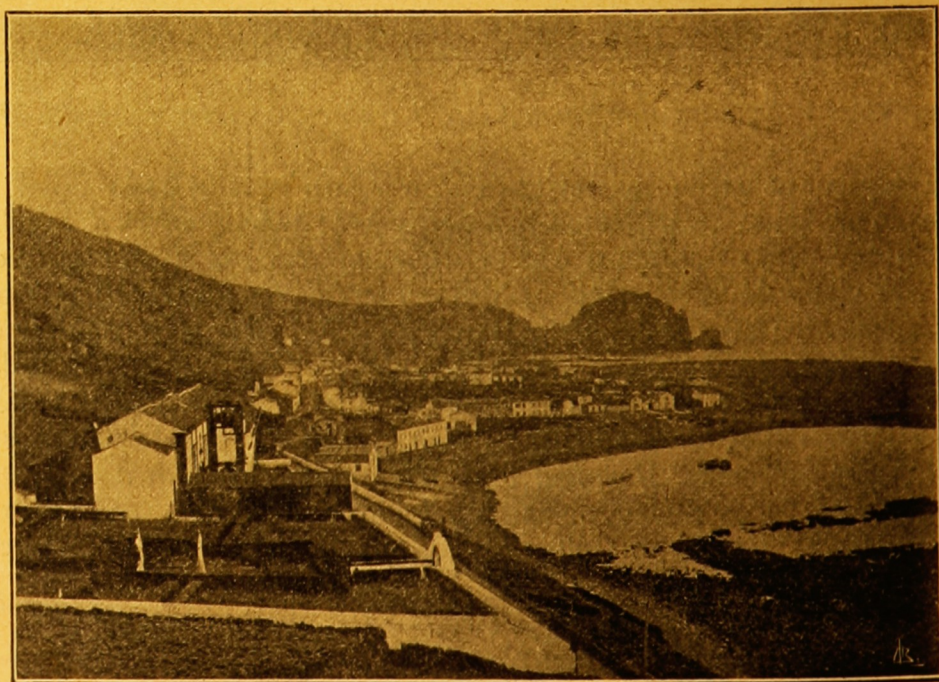
O homem d'hoje com o seu chapéu inglez, as suas botas americanas, o seu casaco londrino, o seu rosto rapado e sa-xão, é tudo menos portuguez.

Lisboa só é portugueza no mappa. Converteu-se n'um centro cosmopolita onde se falla um horrivel *patois*.

—Camões—lembras-te dos seus versos?—luzindo hoje pelo Chiado o seu estro e o seu mal d'amor teria que matricular-se no *Berlitz* para entender os homens mas não conseguiria comprehender os corações.



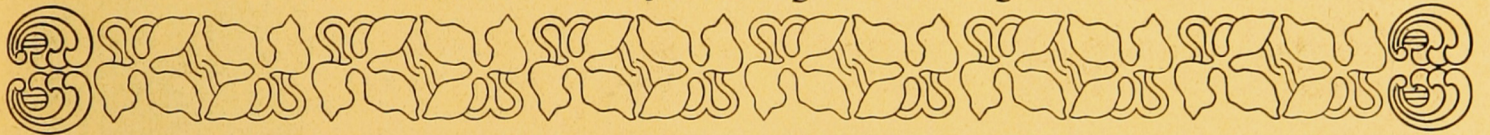
Festa do S. Coração de Jesus, na parochial igreja de S. José



Vista geral das Lages do Pico



*Communhão de Creanças da freguezia das Lages do Pico*



*BRAGA—Grupo de alumnos e alumnas da Escola Normal que completaram este anno o curso*



Entretanto vem. Passarás uns dias consoladores a vêr uns restos do passado em muita surprehendente maravilha em pedra e alguns recortes admiraveis de paisagem.

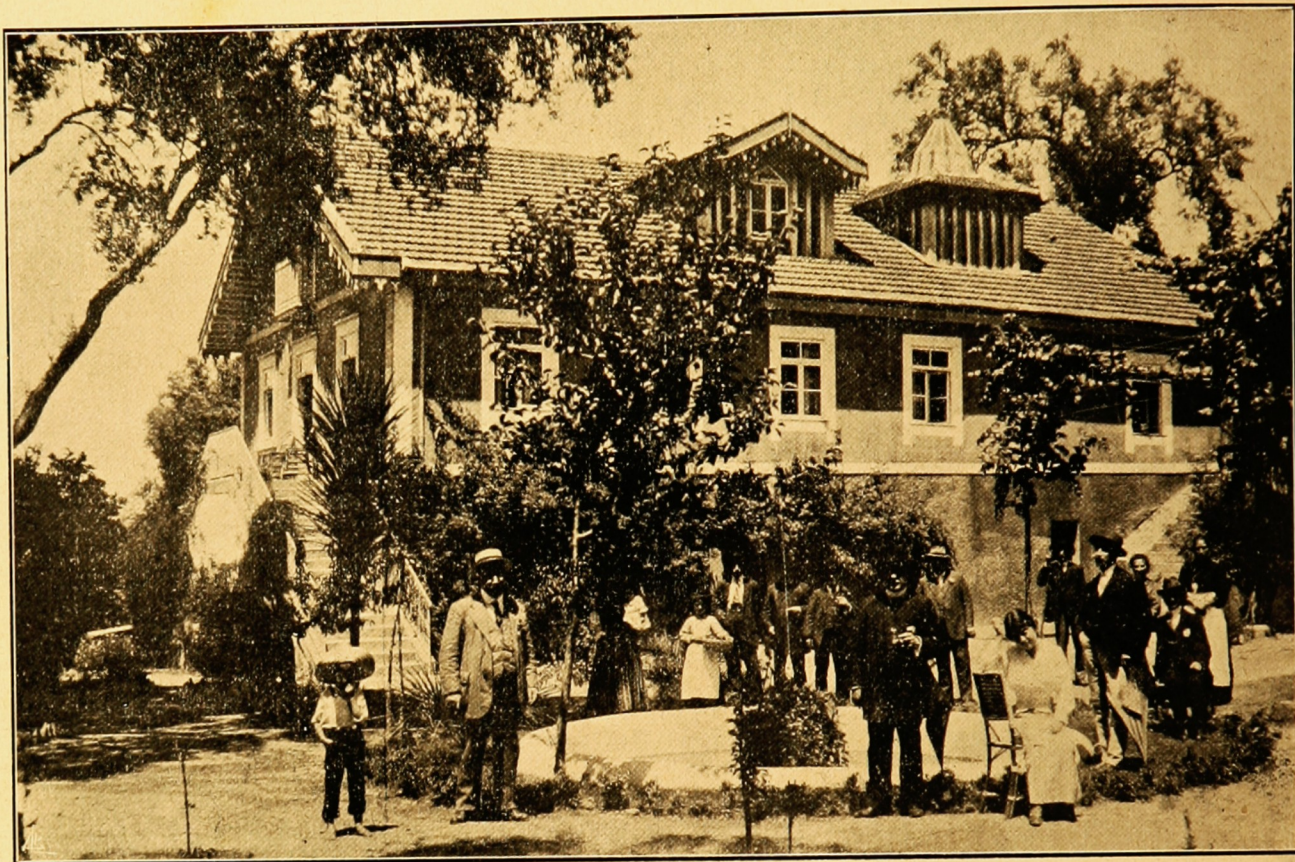
Prometto guiar-te . . . verás.

Ah! Esquecia-me dizer-te: Traz os teus be-

duinos e um passaporte em regra porque com tanto cosmopolitismo e fantissima civilização, quanto a segurança pessoal estamos peor que Marrocos . . .

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

## AINDA AS FESTAS EM CALDELLAS



*Palacete do snr. Oliveira, proprietario do Hotel Villa Deolinda*



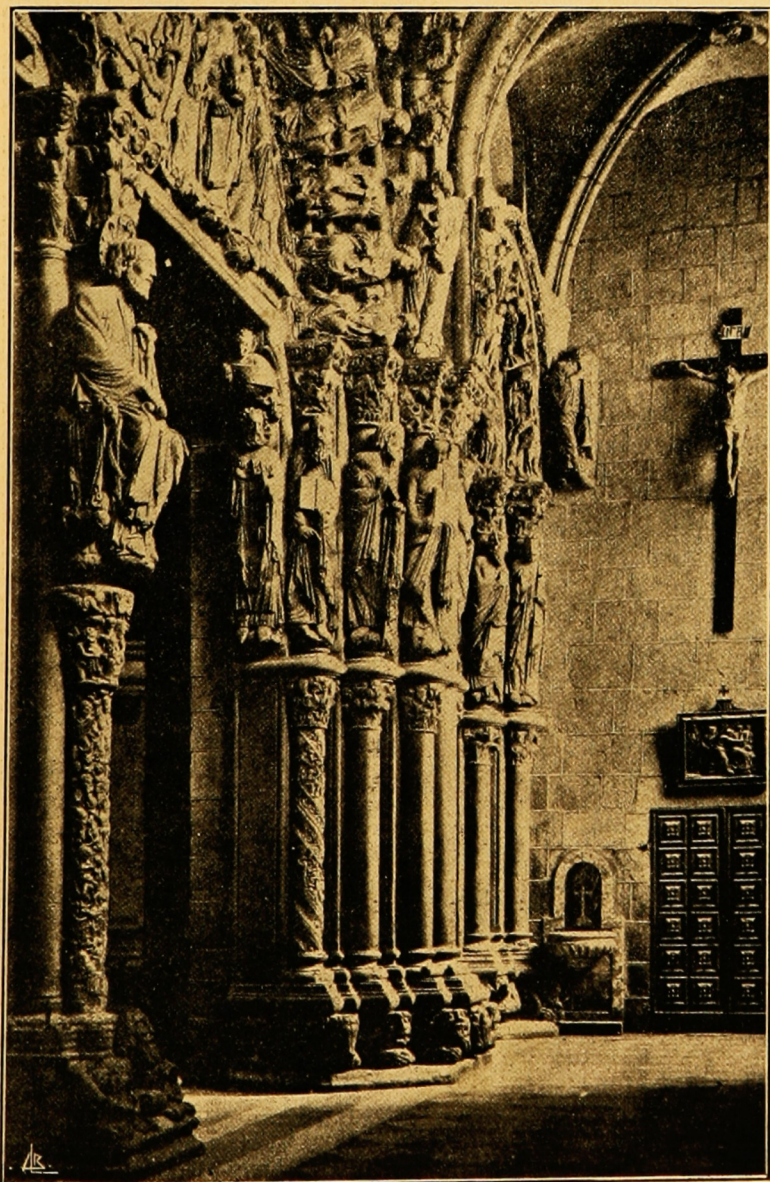
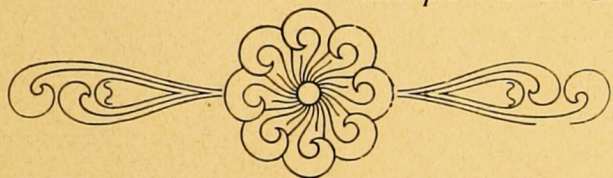
*A banda de musica dos Orphãos de S. Caetano, de Braga que tomou parte nos festejos*



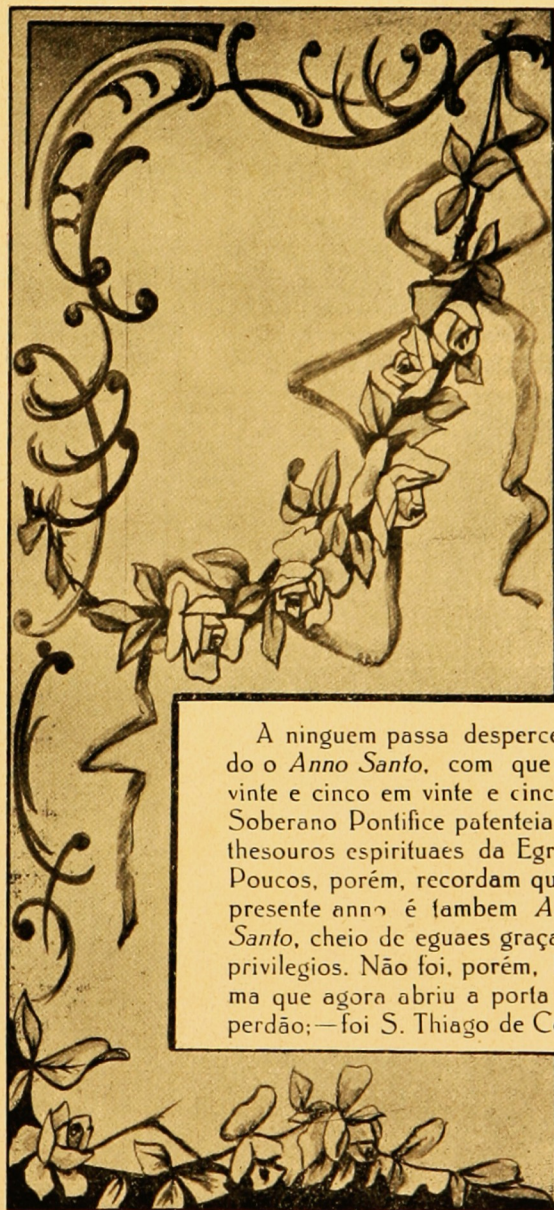
# O Anno Santo em S. Thiago de Compostella



Vista parcial de S. Thiago



Portico da Gloria da Cathedral de S. Thiago



A ninguém passa despercebido o *Anno Santo*, com que de vinte e cinco em vinte e cinco o Soberano Pontífice patenteia os thesouros espirituaes da Igreja. Poucos, porém, recordam que o presente anno é tambem *Anno Santo*, cheio de eguaes graças e privilegios. Não foi, porém, Roma que agora abriu a porta do perdão;—foi S. Thiago de Com-

postella.

Todos os annos em que cae ao domingo a festividade do glorioso Apostolo se lucram na basilica compostellana graças especiaes, e plenissima indulgencia. E' o *Anno Santo*. Por esse motivo acabam de realizar-se estes dias grandes festas, merecendo especial menção a novena prégada pelos bispos.

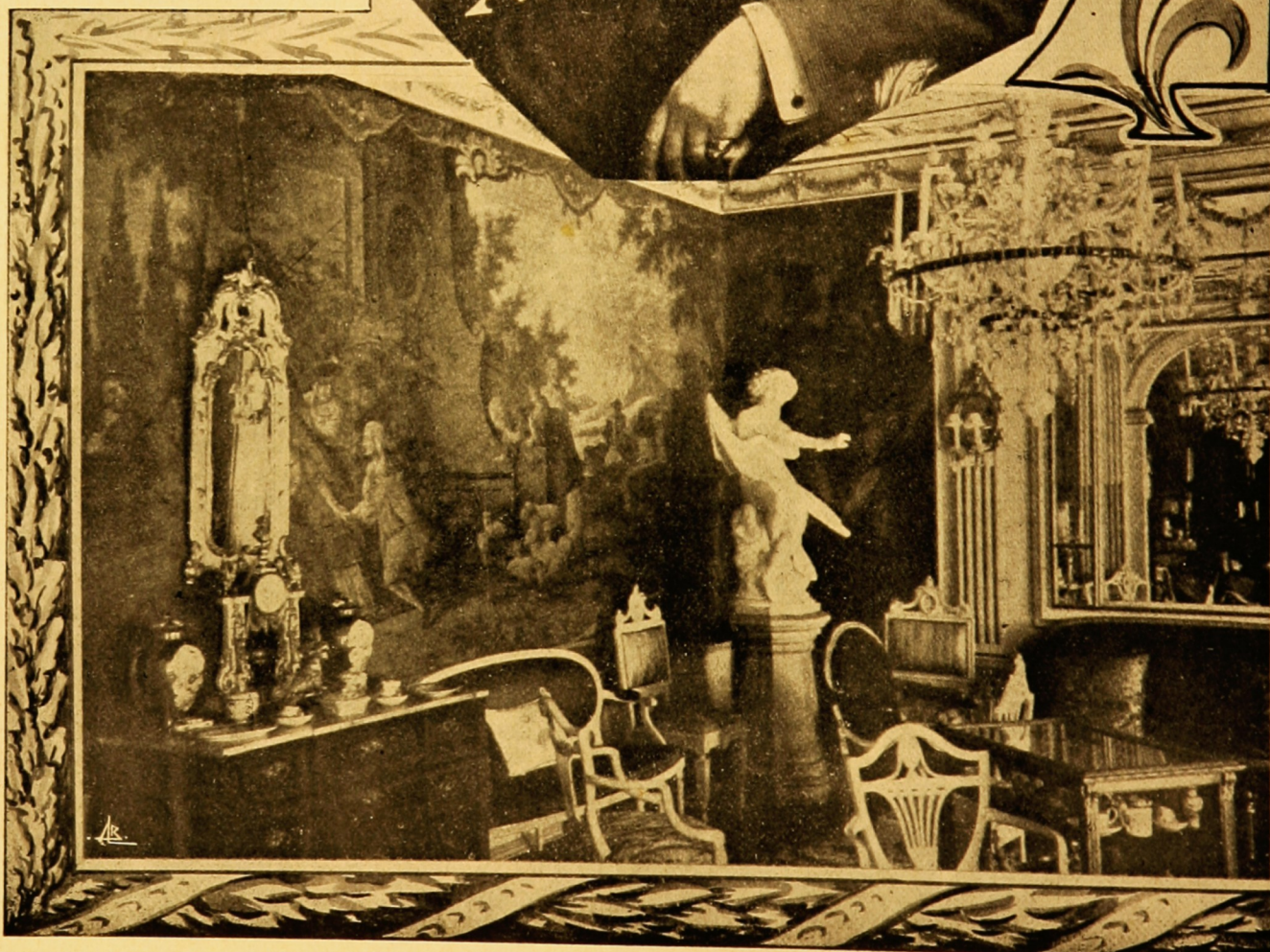
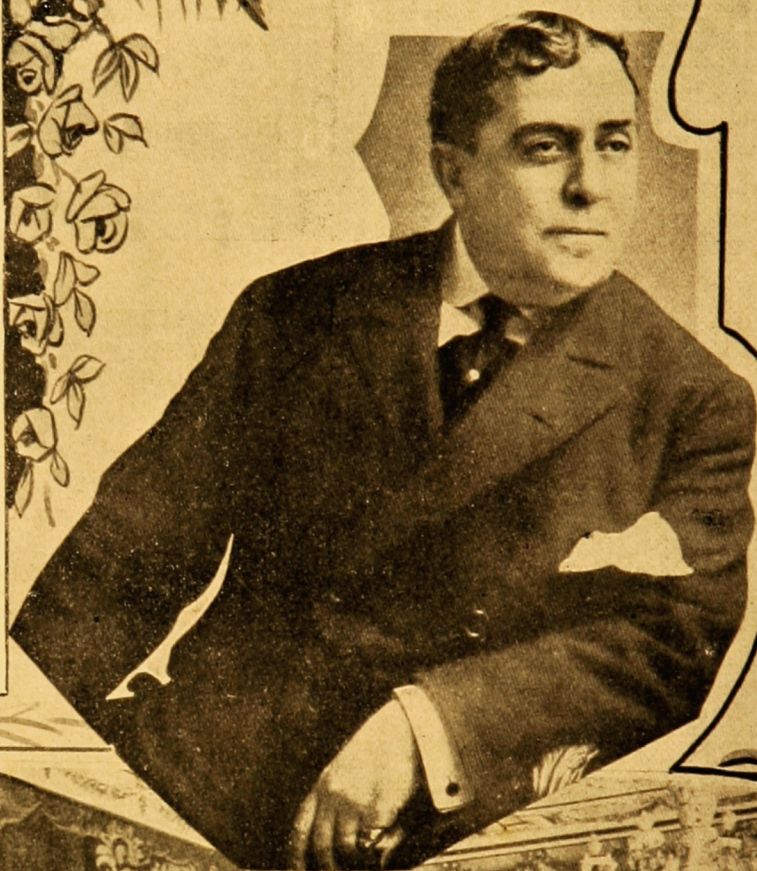
# Augusto Rosa

O actor Augusto Rosa, grande mestre na Arte de Representar, legitima gloria do palco portuguez, legou ao Museu Nacional a preciosa riqueza artistica da sua casa, mobiliario, faias, telas, mil objectos de finissimo gosto, de esmerada escolha.

Conservando-os na sua posse e de sua esposa, durante a vida Augusto Rosa doou já ao Museu esses thesouros, como se a sua casa não fosse desde já outra casa senão uma secção do Museu.

Este pormenor suggeriu uma linda ideia, que oxalá se ponha em pratica: A de o Estado adquirir a residencia do grande actor, para fazer alli a casa de Augusto Rosa.

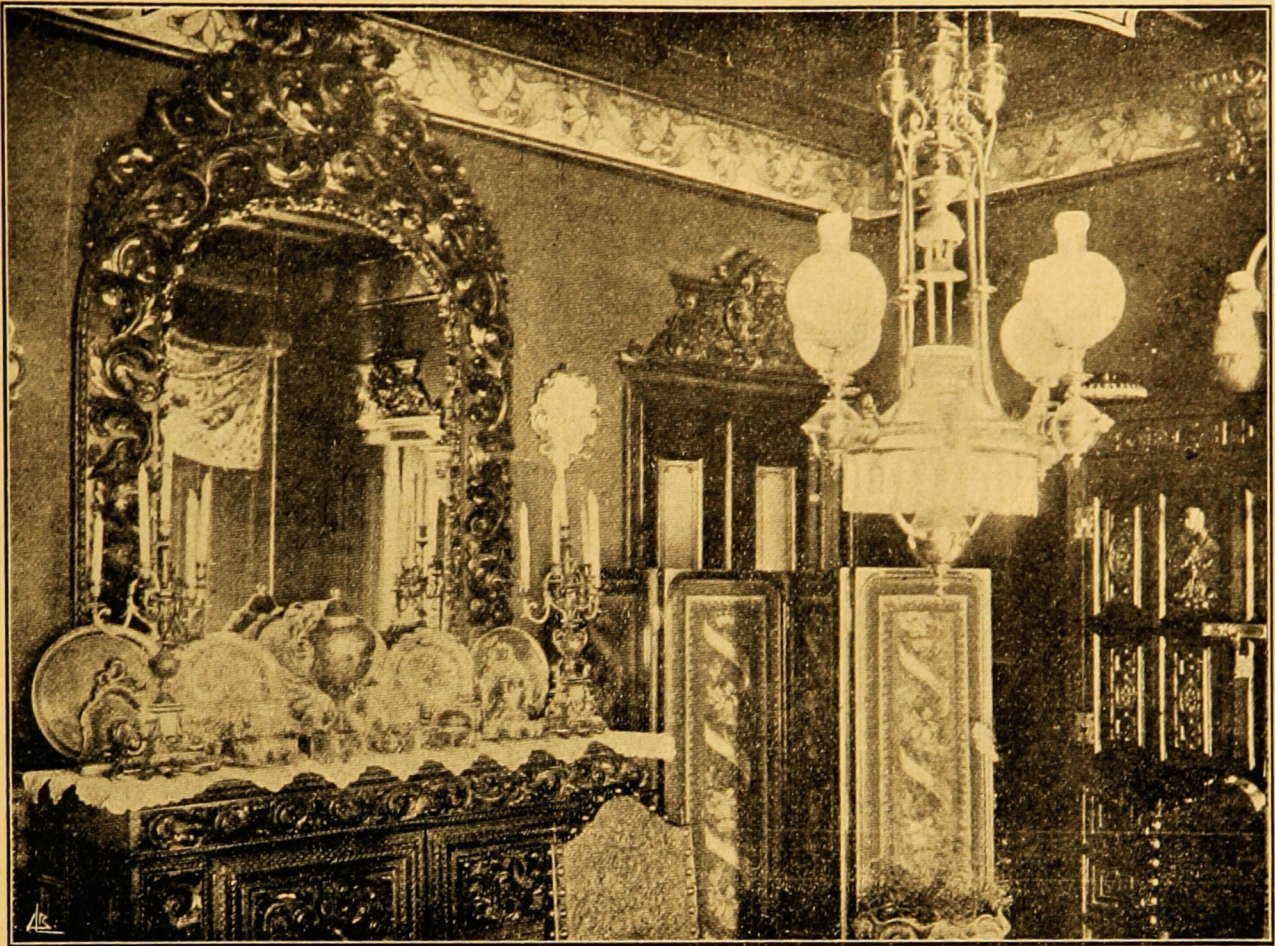
Na verdade dispersar por varias salas aquellas soberbas collecções, seria destruir-lhes o seu



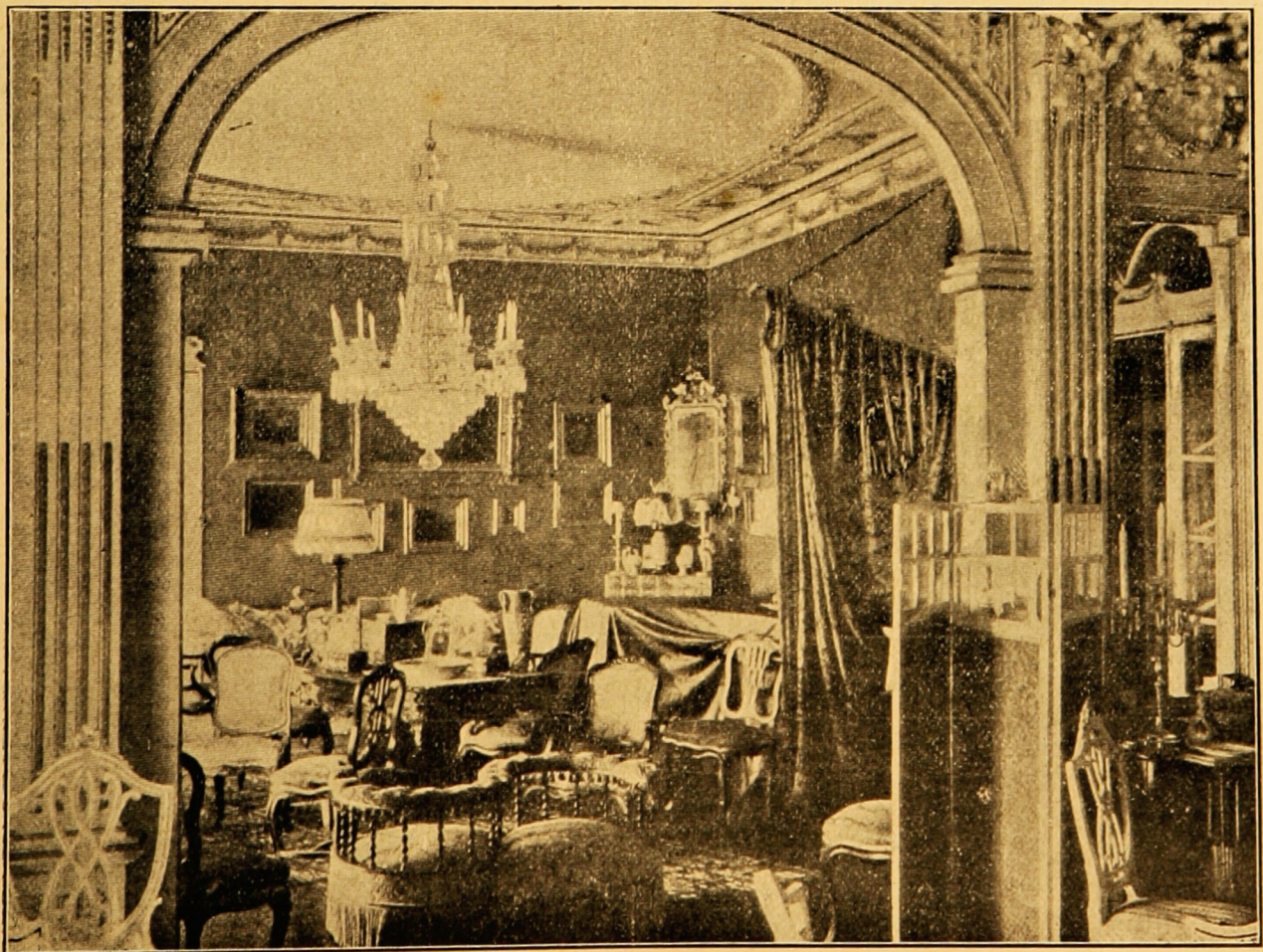
Interior da casa de Augusto Rosa

quê de particular, inconfundível; e não aproveitar o ensejo de formar a primeira *casa* de um artista, como a França e Hespanha tantas possuem, seria ser ingratos a uma dádiva que a todos os portuguezes nos fez o illustre Augusto Rosa. Essa casa conservaria aquelle caracter particular das

mansões dos homens d'arte. e seria um cantinho artistico onde os bons conferencistas poderiam ir fazer excellentes conversas d'arte em tardes amenissimas. Essa ideia deve prevalecer, e a nação ser grata á dádiva do snr. Augusto Rosa.

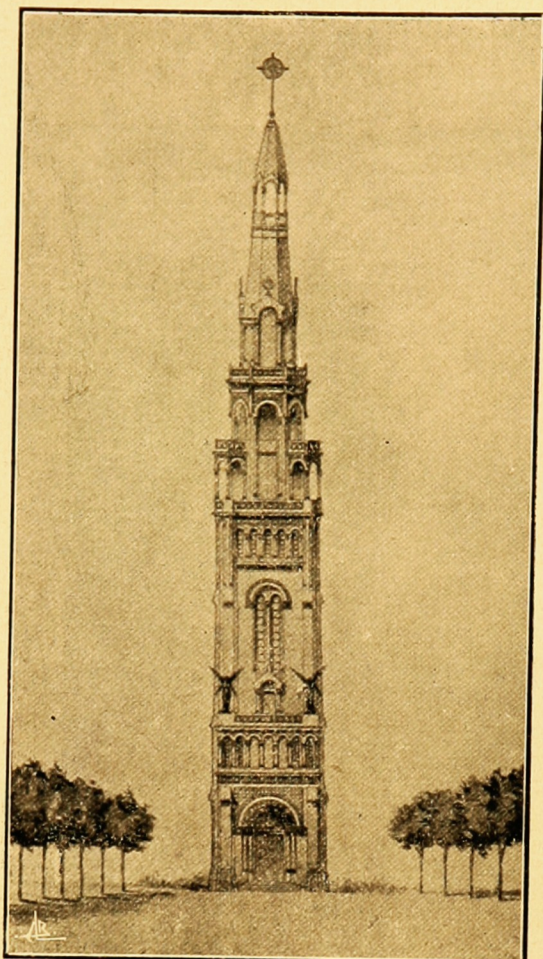


*Aspecto da Sala de Jantar*



*Outro aspecto do interior da casa de Augusto Rosa*

# Oliveira d'Azemeis



E' encantador o panorama que se goza do alto de La Salette deixando-nos maravilhados a riqueza exuberante com que a natureza dotou este formoso recanto de Portugal.

Pena é que as bellezas naturaes do local não tivessem sido aproveitadas a favor do parque, e que a construcção d'um edificio destinado a hotel fosse precisamente embargar a vista d'uma boa parte da mais formosa paisagem.



1— *Projecto para o novo Sanctuario de La Salette.*

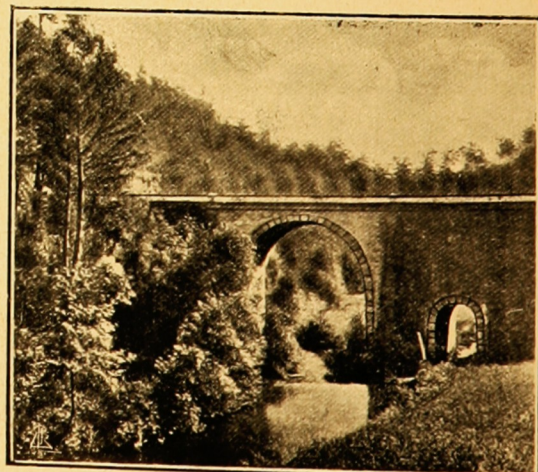
2— *De visita ao parque de La-Salette*

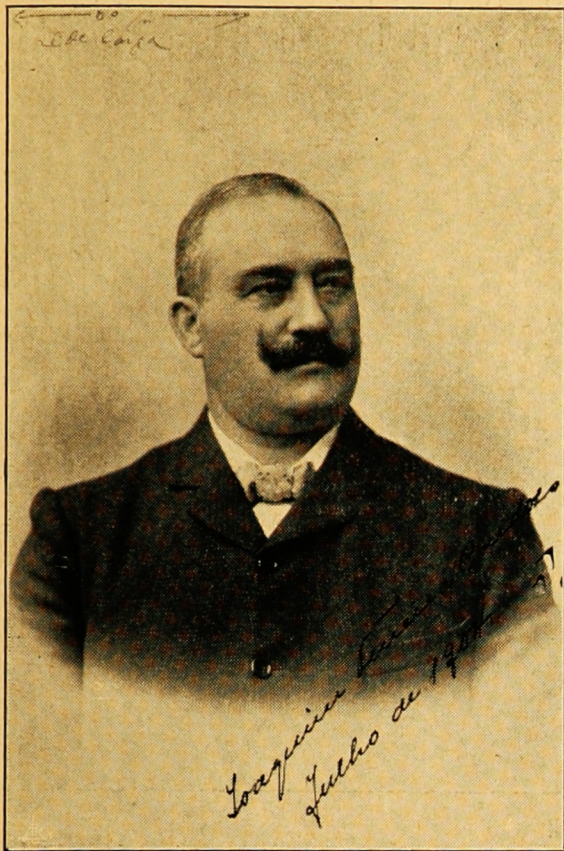
As ex.<sup>mas</sup> snr.<sup>as</sup> D. Izabel Carvalho, D. Clotilde Carvalho, D. Elvira Pinto Basto C. Rebello e o snr. Amelio Alegria.

3— *Junto ao lago do parque.*

4— *No lago do parque de La-Salette.*

(Clichês de Rebello Junior)





## Joaquim Augusto Ferreira Cardoso

Falleceu a 17 de Março do anno corrente, na sua casa da Pena, em Villa Cahir, concelho d'Amarante.

A sua vida, como a sua morte, foi a d'um justo, e a sua memoria, queridissima entre os seus conferraneos, entre todos aquelles que tiveram a ventura de conhece-lo, merece referencia especial, porque Joaquim Ferreira Cardoso além de ser um perfeito homem de bem, foi um crente fervoroso, um catholico modelar, sempre e em toda a parte.

Educado em Inglaterra, em "Oscott College", possuidor d'uma vasta illustração, e de rarissimas qualidades d'inteligencia e caracter, era um modesto, e na sua casa da Pena, onde habitualmente vivia, a sua bolsa estava sempre aberta para soccorrer as desgraças e as miserias dos pobres visinhos, que n'elle perderam um valioso amigo.

Grande protector da imprensa catholica, a expensas suas espalhava largamente a boa imprensa, e muito lhe deve tambem a igreja parochial de Villa Cahir, cujas reformas successivas subsidiou com sommas importantes.

Não sendo politico, exerceu todavia no tempo da monarchia o cargo de Presidente da Camara, e da forma por que o fez, são testemunhas todos os municipes, que saudosamente o viram retirar de novo ao socego da familia.

O seu funeral, que sem convites se realisou a 19 de Março em Villa Cahir, constituiu a maior demonstração de saudade e de affecto a que temos assistido. A elle accorrem para cima de seiscentas pessoas, vendo-se lá tudo o que Amarante conta de melhor.

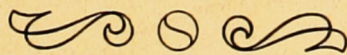
Joaquim Ferreira Cardoso, foi traiçoeiramente roubado á sua familia e aos seus amigos por uma *angina pectoris* que em tres dias o matou.

Aos primeiros symptomas do terrivel mal, cuja gravidade elle melhor que ninguem sentia, requereu a applicação dos sacramentos, que recebeu com uma coragem e serenidade impressionantes e edificantes.

A sua morte foi um grande exemplo muito para admirar e registrar, nestes tempos que vão correndo.

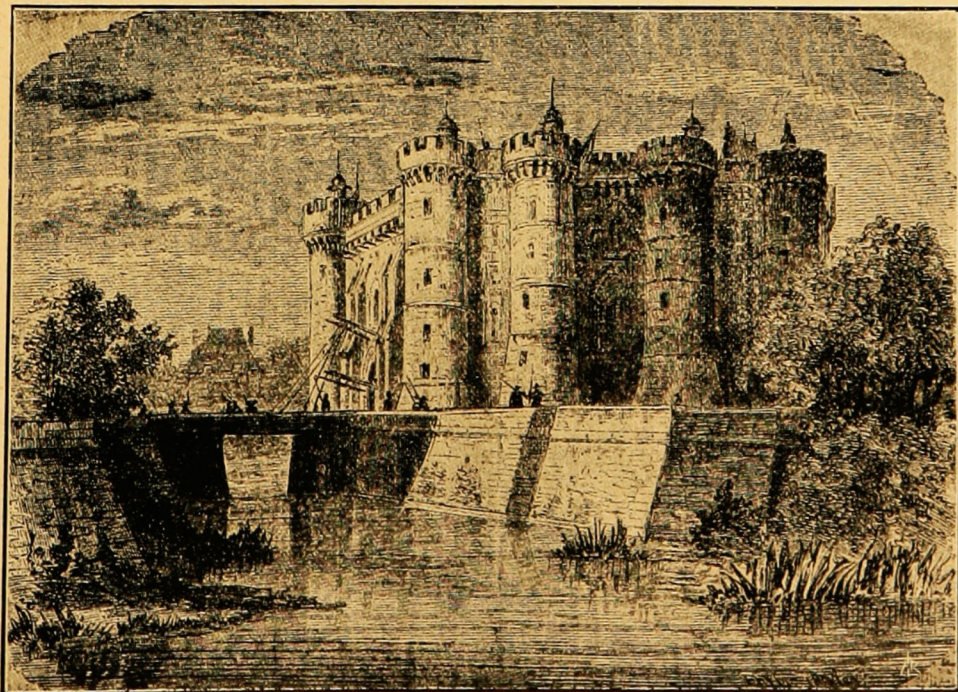
Com a sua morte, muito perderam as emprezas catholicas cujas publicações tinham n'elle um carinhoso protector.

Justo nos parece pois inserir aqui o retrato de Joaquim Ferreira Cardoso cuja vida e exemplos muito honram as paginas desta revista.



## João Luiz Fidalgo Malheiro,

distincto alumno do 4.º anno da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, ultimamente fallecido n'aquella cidade. O seu funeral em Seixas, sua terra natal, foi uma commovente manifestação de saudade



A velha Bastilha. Antiga defeza de Paris

# Purpura e burel



Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?..

(Math. 16-26).



PERTO de Plasencia, na Extremadura hespanhola, ha um mosteiro, arcaico como a Castella, relicario de lendas e tradições, ruínas perdidas no canto de um valle verdejante, no desolamento das montanhas aridas que o cercam, escondidas nas frondosas sombras de uma *oasis* de verdura onde as nogueiras e os castanheiros seculares, os cedros e as palmeiras se confundem n'um labirinto de matta virgem, cortado por ruas ladeadas de buxo, alto como mu-

# Missão em S. Pedro de Lurio em Vócaro [(MOÇAMBIQUE)]



1—Professor e alumnos da escola de Mancuarra, filial da missão funcionando em casa provisoria.

2—Um trecho da horta da missão,

3—Pessoal, missionario e auxiliar, alumnos e alumnas das escolas da missão.

ralhas d'um castello, n'esta exuberancia florescem as amendoeiras e lorangeiras perfumando o ambiente de jasmims e nardos, como uma primavera perenne, enquanto nos cumes das serras visinhas a neve se perpetua d'anno em anno, risonho contraste, que ao vê-lo Carlos V, exclamou: «*Ver ibi perpetuum.*»

Tal foi o prestigio d'esta natureza sobre a sua alma que annos mais tarde, deixando a purpura pelo burel vem alli acabar os seus dias n'esse mosteiro de San Juste, da ordem dos Jeronymitas.



Resta ainda invulneravel aos estragos dos annos a nogueira, á sombra da qual se sentava o vencedor de Pavia, meditando talvez sobre as palavras que escreveu o seu vencido, (essa nobre e gentil figura que, era Francisco I, de França): *Tout est perdu hormis l'honneur.*

Existia ha pouco ainda em ruinas, a parte annexa ao convento, habitada pelo imperador; á entrada um relógio do sol, construido por Juanelo, onde o *nescius diem, neque horam*, serviria de thema á meditação do regio frade; ao fundo uma caveira amarelenta de cêra, carcomida pelo tempo, falla no seu eterno silencio como nenhuma voz humana a linguagem da verdade.

Outra semelhante, (a mesma sempre) caveira em pedra esculpida por um grande artista que a cingiu d'uma corôa, collocando-a aos pés do monumento da grande Maria Thereza no pantheon dos capuchos em Vienna, allegoria á vaidade das coisas humanas, ao nada das grandezas d'este mundo! . . . Essa caveira tudo araza, tudo anniquilla, e tudo moella! Só Deus é grande.

Ninguém como Carlos quinto o comprehendeu, elle que das mãos d'um frade recebeu um sceptro, coroando com o diadema imperial essa cabeça que annos mais tarde desce á tumba coberta com um capuz de burel! esse môço rei, gentil e guerreiro que reminiscencias da Historia nos mostram apertado o corpo n'uma cotta d'aço, empunhando uma espada gloriosa, ou soberbo e magestoso envolto na sua purpura e nas ondas alvas dos seus arminhos, de sceptro e corôa, d'um poder quasi mundial, resplandescente de pedrarias e ouros finos no deslumbramento d'uma côrte sumptuosa.

Purpura, arminhos, louros, sceptros, diademas, corôas, pedrarias, não são mais que a ficção da corôa, o Imperador é a Caveira!

Archiduque nos Paizes Baixos, rei das Hespanhas, Imperador da Austria e parte da Allemanha o seu reinado foi dos mais brilhantes, o seu genio guerreiro, o seu espirito dominadôr, batendo-se com francezes, turcos, protestantes, inimigo incansavel, zeloso defensor da sua Fé, exaustado do poder, ennojado das grandezas e vaidades do mundo, refira-se para o mosteiro de San Juste onde morre no exercicio da mais austera penitencia e santidade, emquanto sua mãe, a desditosa Joanna a Louca, tendo recuperado a razão morre santamente assistida por

o grande San Francisco de Borgia da Companhia de Jesus, cuja fundação seu filho sanccionou.

Grandes obras ficaram do seu reinado para a gloria de Deus; de San Juste mesmo Carlos quinto governava ainda os seus Estados, alli sentado á sombra da nogueira, como São Luiz, á sombra do sobreiro de Vincennes, elle dava conselho aos seus subditos, governados por seu irmão o rei Dom Fernando. Nas horas de solidão e de silencio que elle tanto amava, meditando e orando, recordava talvez o seu passado de conquistas e de glorias, alternadas de derrotas, de luctas sanguinolentas.

Que agitado será o somno dos conquistadores do mundo, que se chamem Carlos quinto, Wilhelm, Napoleão, Carlos Magno, Constantino, Cezar, Cyro, ou Alexandre, atravez dos brocados de damasco e ouro do docel que cobre o tecto imperial, os cabellos hirtos, as mãos crispadas na hollanda fina das suas roupas, verão em sonhos funebres, em pezadelos horriveis lividos phantasmas, serpentes e chimeras infernaes, montões de cadaveres, luctas e agonias cruciantes, ouvirão um chôro solurno e macabre d'esses gemidos innocentes das victimas abafados pelos roncões das fêras que se batem.

Atravez das aspiraes do incenso dourado e fumegante da adulação e da vaidade da côrte, entreverão o fumo negro e o pó das batalhas e dos incendios, ao entardecer o esfumado triste das choupanas devastadas pelo soldado inimigo, arrazadas pela miseria e pela fome! atravez dos louros da Victoria e das palmas que cobrem com a sua sombra gloriosa o throno entreverão n'um vasto horizonte os campos devastados, o dourado das cearas d'outr'ora envertido n'um branco lençol de ossos humanos, os seus rios tintos na purpura do sangue innocente, as suas legiões derruidas, mulheres e creanças sacrificadas, altares e templos profanados, monumentos soberbos da Fé e da Arte derrocados, cruzeiros mutilados, o exterminio por onde passou o clarão da Victoria deixando as trêvas, a gloria com a ambição sem dô nem piedade.

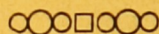
Onde estará a paz para aquelles que a não dão?

Ambições, dominações, conquistas e glorias, louros e tropheus *quid prodest* . . .

Braga, 25—7—915.

ALMAFALLA.

## BEMVINDO



(Saudação a S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o snr. Arcebispo Primaz, na sua passagem em S. Bento da Porta Aberta, freguezia de Cossourado, Paredes de Coura, na occasião em que pela menina Maria Augusta de Castro Menezes e Antas lhe foi offerecido um lindo bouquet de flores naturaes)

Bemvindo! A nossa terra é triste e é pobre,  
E este bom povo é rude... Mas, Senhor!  
Esta rudeza esconde uma alma nobre!  
E em nossos campos vis viceja a flôr...

Dá-Vos o Povo o affecto do seu peito,  
E estas pobres florinhas nosso chão...  
E' mesquinho, bem sei, o nosso preito:  
Mas tal qual é, sahe-nos do coração!

Vindes 'té nós em Nome de Jesus?  
...Pois de Jesus o Coração divino  
la, a sorrir, como um beijo de luz,  
Para quem era pobre e pequenino.

E vindes em seu Nome! Que ventura,  
Que Embaixada celeste nos visita!  
Se não fôra da Patria a desventura  
Bem completa seria a nossa dita!

...Nós amamos a Cruz! Queremos tel-A  
Bem accesa em noss'alma p'ra que a veja  
Cheia de Amor, plena de Vida, bella,  
Quem julga vã, mortal, a Santa Igreja!

A Vós nos confiou o nosso Pae...  
Mas somos peccadores, sim! e Vós  
Que sois todo de Deus, oh perdoae  
A nossa indignidade e... e orae por nós.

Vem saudar-Vos o povo: eil-o sorrindo...  
Permitti que em seu nome, oh bom Pastor,  
Eu diga uma vez mais: — «Seja bemvindo  
O que nos vem em Nome do Senhor!»

6—VII—915

TEIXEIRA PINTO





GUERRA EUROPEIA—Atiradores ingleses desfilando por uma trincheira de comunicação entre uma granja, semidestruída e as posições centrais para defender um lugar ameaçado pelos alemães na fronteira franco-belga

# Anecdotas historicas

## Ditos e pensamentos

### Richelieu e Corneille

**P**ONDERAVAM alguns francezes as ações do cardeal de Richelieu, mal-dizendo-o uns e louvando-o outros. Corneille, que estava presente, disse:

—Digam o que quizerem do cardeal, que eu não direi palavra; porque me fez tanto bem que não posso dizer mal, e tanto mal que não posso dizer bem.

### Conde da Ericeira

Quando D. Pedro II partiu para a jornada da Beira fez escolha dos fidalgos que o haviam de acompanhar, não sendo desses o illustre conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes. O conde sabendo que não fora escolhido por já ver pouco, observou ao rei:

—Pois que se trata de batalhar devo ir, procurarei ver o inimigo de mais perto.

### Duarte Brandão

Duarte Brandão, quando mancebo, foi servir o rei Eduardo de Inglaterra na porfiada guerra que este trazia com a França, sendo muito estimado pelos seus feitos e valor. N'um jantar dado por um duque destinaram ao fidalgo portuguez o ultimo lugar, e elle cravando um punhal na meza, lançou este desafio:

—Quem disser que este lugar em que estou não é o melhor, tire d'aqui este punhal.

Ninguem se atreveu a contradize-lo.

### Pitt

Pitt, avelhentado e doente, recolheu á sua quinta de Putney. Sabendo da batalha de Austerlitz, apontou para um mapa da Europa que cobria uma das paredes do vestibulo e disse com amargura:

—Enrolem aquella carta, dentro de dez annos não se tornará a precisar d'ella.

### O duque de Wellington

Por causa da reforma parlamentar, o duque de Wellington, ao atravessar as ruas de Londres em 1832, foi assaltado por uma multidão

enfurecida que o cobriu de lama, de insultos e lhe despedaçou as vidraças da habitação. Na proxima volta do favor publico, na ocasião em que a populaça perseguia o duque com as suas aclamações, este avançou sem se voltar e sem fazer um signal, até á porta da casa. Ahi, apeou-se e indicou com a mão, aos seus ruidosos admiradores, as vidraças ainda partidas, e entrou para dentro encolhendo os hombros, sem ter proferido uma unica\* palavra.

### Lenha ou incenso

Pernoitando em noite de inverno n'uma casa de campo fria e humida, Alexandre Magno disse ao hospedeiro:

—Amigo, traze lenha ou incenso.

### D. João Coutinho

Jogando o rei D. Sebastião com D. Duarte, tiveram uma duvida em que ia o ganho d'aquelle jogo. Aos circumstantes perguntou o rei qual tinha razão, mas como elles não ousavam dizer-lhe que perdera, responderam não saber, e pois que estando presente D. João Coutinho, este que julgasse.

Disse D. João:

—Vossa alteza perdeu. E estes que presentes estão sabem-no tão bem como eu, porém viram a vossa alteza tão desejoso de ganhar que disseram m'ó perguntasse a mim.

### Ao mais poderoso

Martim Affonso de Sousa, alcaide-mór de Bragança, do que tinha seiscentos mil réis de renda, largou-os, e despedindo-se do duque foi servir a el-rei. Perguntado pela causa, respondeu:

—Porque o duque de Bragança não podia fazer mais que dar-me seiscentos mil réis de renda, e el-rei pode fazer-me duque.

\* \* \*

Mais facil é acusar que defender.—*Quintiliano*.

A admiração tem as raizes na ignorancia.—*Aristoteles*.